

CALÍOPE

Presença Clássica



CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 5

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS DIRETORA
Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz
VICE-COORDENADOR Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Eduardo da Silva de Freitas
SUBSTITUTO EVENTUAL Renan Moreira Junqueira

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Sarcófago. Estrigilado com orante masculino sobre o tema do rapto de
Prosérpina, séc. III (Basílica de Sant Feliu, Girona). Foto: Rainer
Guggenberger

EDITORAÇÃO E PROJETO GRÁFICO
María Paula Rozo

REVISORES DO NÚMERO 49
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Leonardo Vichi

Poéticas e interfaces da geografia na Antiguidade Clássica

Giovanna Andreão

RESUMO

Neste artigo, são exploradas as poéticas e interfaces da geografia na Antiguidade Clássica, compreendendo-se a produção de conhecimento geográfico como um campo entrelaçado por mitos, cosmologias, saberes filosóficos e práticas socioculturais. Por meio da análise de autores como Hecateu de Mileto, Heródoto, Estrabão e Ptolomeu, e em diálogo com perspectivas teóricas contemporâneas, busca-se compreender como o espaço era representado, narrado e imaginado na Grécia e Roma antigas. São discutidas as implicações epistemológicas, simbólicas e estéticas dessas geografias, com ênfase nas cartografias míticas, na constituição do “outro” e nas cosmologias ético-políticas. A partir das contribuições de autores como Denis Cosgrove (2008), John Brian Harley (2002), François Hartog (1996), Tzvetan Todorov (1993), Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant (1998), Michel Foucault (2000) e John K. Wright (1947) propõe-se uma reflexão sobre o papel da imaginação geográfica na construção de mundos possíveis.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia antiga; Imaginário espacial; Cosmologia; Representação; Território.

SUBMISSÃO 4 abr. 2025 | APROVAÇÃO 11 abr. 2025 | PUBLICAÇÃO 21 dez. 2025

DOI 10.17074/cpc.v1i49.67806



INTRODUÇÃO

o se pensar a geografia na Antiguidade Clássica, é necessário que ela seja reconhecida como um campo híbrido, no qual razão e mito são entrelaçados na produção do conhecimento espacial. Longe da pretensão moderna de objetividade, a geografia antiga era atravessada por simbolismos, cosmologias e dispositivos narrativos que estruturavam o mundo segundo esquemas ético-políticos e mitopoéticos. Conforme é proposto por Denis Cosgrove em *Geografias imaginárias* (2008), o espaço deve ser compreendido como inseparável das imagens e metáforas que o representam, configurando-se como uma construção cultural através da qual são traduzidas visões de mundo.

Nesse sentido, o conceito de terra incognita, desenvolvido por John K. Wright (1947), não remete apenas aos territórios não mapeados, mas também às zonas de imaginação, expectativa e desejo que conformam a experiência geográfica. Por meio da cartografia antiga, dos relatos de viagem, das cosmologias filosóficas e dos tratados históricos, pode-se perceber que a geografia, no contexto greco-romano, era concebida não apenas como um saber técnico, mas como um campo também simbólico e poético.

Nessa perspectiva, é importante considerar que a geografia, enquanto campo disciplinar, ainda não se encontrava plenamente delimitada, funcionando antes como um saber emergente - uma forma de conhecimento que articulava cosmologia, ética, mitologia e observação empírica. Figuras como Tales de Mileto são exemplares nesse contexto: ao propor explicações naturais para os fenômenos do mundo, Tales ocupa um lugar liminar entre a tradição mitopoética e a racionalidade filosófica. Sua famosa tese de que a água seria o princípio de todas as coisas inaugura uma visão do cosmos baseada em regularidades naturais, contribuindo para o lento deslocamento da explicação mítica para a investigação

sistemática do mundo. Outro autor fundamental nesse processo é Estrabão, cuja obra *Geografia* sintetiza uma visão do espaço que combina a herança mítica com os dados empíricos da expansão romana e da tradição estoica. Ele oferece juízos sobre povos, compara hábitos e propõe relações entre formas de governo e características geográficas. Sua tentativa de reunir descriptivamente o mundo conhecido marca um ponto de virada, no qual o conhecimento geográfico começa a ganhar contornos próprios, ainda que siga atravessado por valores simbólicos e éticos.

É nesse horizonte que figuras como Heródoto, Estrabão e Ptolomeu devem ser compreendidas, pois suas obras operam em uma fronteira porosa entre o real e o fabuloso. A representação do "outro", do desconhecido e do longínquo - o *tópos* das terras bárbaras ou exóticas - é fundamental na constituição do imaginário geográfico antigo. Como argumenta Tzvetan Todorov (1993), ao se discutir o papel do estrangeiro na elaboração da identidade ocidental, percebe-se que a alteridade não é um elemento exterior, mas estruturante da autodefinição cultural. Complementarmente, em *Simbolismo e interpretação* (2013), o mesmo autor demonstra como os signos e imagens geográficas são mediados por estruturas culturais de sentido, revelando que o espaço é sempre representado por meio de filtros simbólicos.

Neste artigo, é proposta uma leitura da geografia na Antiguidade Clássica a partir dessas interfaces epistemológicas e poéticas. Por meio da articulação entre autores antigos e teóricos contemporâneos, busca-se refletir sobre a natureza de um saber situado entre a ciência e a arte, o conhecimento e a imaginação.

CARTOGRAFIAS DA IMAGINAÇÃO: COSMOS E COSMOGRAFIA

Na Grécia Antiga, a concepção do mundo não se separava rigidamente entre ciência, mito e filosofia. Esses saberes estavam entrelaçados na construção de uma cosmografia que não apenas buscava

entender a estrutura física do mundo, mas também o papel do ser humano no cosmos. A geografia, assim, não se limitava a descrever territórios, mas também a estabelecer uma ordem simbólica e intelectual. A cartografia, nesse contexto, refletia não só o espaço físico, mas uma visão do mundo que era, ao mesmo tempo, cósmica e cultural. Como argumenta Vernant (2002), a produção de mapas na Antiguidade envolvia mais do que a representação do espaço; era também um meio de ordenar o universo conforme as crenças e valores de uma sociedade.

Hecateu de Mileto, ativo por volta do séc. VI a.C., é frequentemente citado como um dos primeiros geógrafos do mundo ocidental. Seus mapas, de formato circular, representavam a *oikoumene* - a porção habitada da Terra - cercada por um grande rio oceânico (*Okeanos*), conforme as tradições mitopoéticas herdadas da cosmogonia homérica. Essa circularidade não se limitava a uma descrição geográfica: ela carregava a marca de uma concepção de mundo ordenado, estável e inteligível, onde centro e periferia, conhecido e desconhecido, se articulavam em níveis diversos de significado.



Figura 1: Reconstrução do mapa de Hecateu de Mileto, representando a *oikoumene* cercada pelo *Okeanos*. Fonte: Museu de Topografia da UFRGS.

Como argumenta John Brian Harley (2002), a cartografia antiga deve ser compreendida como um discurso, isto é, como uma forma de representação do mundo moldada por valores culturais, relações de poder e estruturas simbólicas. Os mapas

não eram neutros ou meramente utilitários, mas funcionavam como instrumentos de legitimação, de construção de identidades coletivas e de hierarquização espacial. O caso do *omphalos* de Delfos - o umbigo do mundo - é exemplar: ali, a centralidade geográfica era inseparável da centralidade religiosa, já que Delfos era o local do oráculo de Apolo, e também da centralidade política, pois ali se articulavam alianças e disputas entre as pólis gregas.

Ao redor dessa *oikoumene* centrada e ordenada, surgiam as chamadas *terrae incognitae* - regiões não mapeadas, não dominadas, mas profundamente povoadas pela imaginação. Essas zonas “em branco” nos mapas não representavam apenas uma ausência de conhecimento, mas uma presença densa de significações: terras de monstros, de povos com formas bizarras, de maravilhas naturais e prodígios mágicos. Como lembra Wright (1947), a “imaginação geográfica” exerce um papel fundamental ao longo da história da cartografia: ela impulsiona a curiosidade, a especulação e, em muitos casos, a vontade de conquista.

A presença do imaginário nesses espaços desconhecidos também revela como os limites da representação geográfica eram, ao mesmo tempo, os limites da alteridade. Aquilo que escapava à racionalidade helênica era inscrito no mapa como o “outro” radical - seja sob a forma de povos bárbaros, seja como criaturas fantásticas. Nesse sentido, os mapas antigos não apenas informavam sobre o mundo, mas performavam uma narrativa sobre ele: quem o habitava, quem detinha o conhecimento, quem estava dentro e quem estava fora da ordem cósmica.

A cartografia antiga, portanto, deve ser lida como uma prática intelectual complexa que atravessa saberes e poderes. Ao mapear o mundo, os gregos antigos também mapeavam os contornos do humano, do divino e do bárbaro. O espaço geográfico era simultaneamente espaço cosmológico, ético e político - uma geografia da imaginação em que cada linha traçada no pergaminho era também uma

linha traçada na ordem simbólica do mundo.

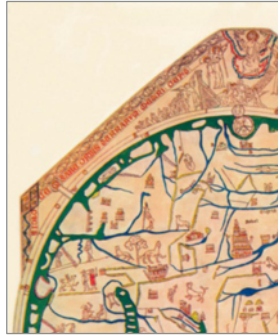


Figura 2: *Hereford Mappa Mundi* (c. 1300). Mapa medieval produzido na cidade de Hereford, Inglaterra, que sintetiza uma visão de mundo profundamente marcada por elementos religiosos, míticos e simbólicos. Povos exóticos, criaturas fantásticas e eventos bíblicos coexistem com descrições geográficas, ilustrando como os mapas antigos eram instrumentos de construção de alteridades e de legitimação de ordens cosmológicas, políticas e éticas. A figura evidencia a cartografia como prática discursiva em que se projetam tanto os limites do conhecimento quanto os da imaginação. Fonte: Meisterdrucke (c. 1285/1912).

O “outro” E O EXÓTICO: NARRATIVAS E IDENTIDADES

A construção da geografia antiga passa, inevitavelmente, pela construção do “outro”. Heródoto de Halicarnasso, frequentemente reconhecido como o “pai da História”, é também um autor central para compreender como o espaço era narrado a partir de uma lógica de alteridade. Suas descrições do Egito, da Líbia, da Pérsia e de outros povos periféricos ao mundo grego não apenas informam sobre práticas culturais e paisagens desconhecidas, mas funcionam como verdadeiros dispositivos de espelhamento. Ao narrar o “outro”, Heródoto traça, indiretamente, os contornos da identidade grega. Seu relato é, antes de tudo, uma operação simbólica de delimitação entre o “nós” e os “eles”.

Antes mesmo das grandes viagens de Heródoto, já se articulavam na Jônia os primeiros gestos de um saber que buscava se distinguir da mitologia tradicional. Tales de Mileto, ativo no séc. VI a.C., é frequentemente apontado como o iniciador da filosofia ocidental, mas também pode ser lido como um proto geógrafo: foi o primeiro a tentar explicar fenômenos

naturais - como a origem da Terra e o comportamento das águas - sem recorrer diretamente à mitologia. Em sua proposição de que “tudo é água”, não está apenas um princípio físico, mas uma tentativa de unificar a diversidade do mundo sob uma lógica inteligível. A geografia, nesse momento, ainda não se configura como campo autônomo, mas emerge como uma interface entre cosmologia, ética, observação empírica e especulação racional. Trata-se de um saber poroso, que se deixa atravessar por diferentes linguagens e que só muito mais tarde será disciplinarizado. Ao lado de Anaximandro e de outros pensadores pré-socráticos, Tales representa uma inflexão decisiva: o mundo começa a ser visto não apenas como palco dos deuses, mas como uma totalidade que pode ser medida, comparada e compreendida. Essa abertura para o pensamento racional não elimina o imaginário, mas o reorganiza - e assim prepara o terreno para as narrativas geográficas que definiriam o espaço e o “outro” nas gerações seguintes.

Como destaca François Hartog (1996), Heródoto não escreve apenas com olhos de viajante ou cronista, mas como um intérprete. Seu olhar é marcado por uma tensão entre a curiosidade e a necessidade de ordenar o mundo a partir de uma lógica helênica. A diferença cultural é sistematicamente tematizada, ora como admiração - como na descrição do Egito, com seus ritos singulares e sabedorias ancestrais -, ora como estranhamento ou crítica - como nas referências aos costumes persas ou líbios. O que está em jogo, aqui, não é simplesmente a descrição de culturas exóticas, mas a construção de um mapa simbólico no qual o mundo é compreendido por meio da oposição entre familiaridade e estranheza.

Todorov (1993) observa que a constituição do sujeito - individual ou coletivo - está sempre ligada à construção de um outro. Nesse sentido, a alteridade geográfica é fundamental para a formação da identidade cultural. Ao representar o mundo exterior como bárbaro, extravagante ou ameaçador, os gregos reforçavam a imagem de si mesmos como portadores da

paideia, da racionalidade e da medida. A oposição entre o centro (civilizado) e a periferia (bárbara) não se refere apenas a uma topologia do espaço, mas a uma estrutura simbólica que ordena o mundo social e moral. A geografia antiga, assim, não é meramente descritiva - ela é uma forma de geopolítica do imaginário, uma tecnologia narrativa de diferenciação e dominação.

Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant (1998) aprofundam essa leitura ao demonstrar como os mitos gregos funcionam como mecanismos de organização simbólica do espaço e do tempo. A geografia mítica projeta para os confins do mundo conhecido figuras de alteridade radical: as Amazonas, os hiperbóreos, os cinocéfalos, os etíopes, os monstros marinhos - todos esses seres e povos são colocados nas bordas do mapa não apenas por estarem "longe", mas por representarem o que escapa à ordem racional e moral da *pólis*. O espaço, nesse sentido, não é homogêneo: ele é hierarquizado por meio de narrativas que separam o ordenado do caótico, o humano do monstruoso, o sagrado do profano.

Essas narrativas espaciais não são inofensivas. Elas legitimam formas de exclusão e de superioridade cultural que, de modos distintos, atravessaram os séculos. A figura do bárbaro - cuja etimologia remete ao som incompreensível da fala estrangeira - inaugura um regime de representação em que o "outro" é sempre o não eu, o não legítimo, o incompleto. Ao transformar o estranho em exótico, a geografia antiga estabelece uma relação assimétrica que ecoará nas formas futuras de conhecimento colonial e imperial.

Em síntese, o pensamento geográfico antigo - e especialmente a obra herodotiana - revela que o espaço é sempre narrado a partir de um ponto de vista. Ao dar voz ao "outro", Heródoto parece nos aproximar da diferença; mas é justamente nesse gesto de "falar por" que se revelam as operações mais sutis de domesticação do diverso.¹ A geografia, aqui, aparece como um campo tensionado entre o desejo de conhecer e o impulso de normatizar - um território de

negociação entre identidade e alteridade, entre realidade e representação.

ENTRE CIÊNCIA E SIMBOLISMO: A EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA ANTIGA

A geografia da Antiguidade, mesmo em seus momentos mais "científicos", permanece profundamente enraizada em sistemas simbólicos, crenças morais e perspectivas culturais situadas. Autores como Estrabão e Ptolomeu, frequentemente associados a uma virada mais técnica e racional na tradição geográfica, revelam, em suas obras, um entrelaçamento constante entre empirismo, moralismo e cosmologia.

Estrabão, por exemplo, ao compor sua vasta obra *Geografia*, não se limita a descrever relevo, climas ou distâncias. Ele oferece juízos sobre povos, compara hábitos, determina o grau de civilização de cada região e até sugere que certas formas de governo, ou de cultura, são mais adequadas a determinados tipos de paisagem.² Conhecer o espaço, para Estrabão, é também interpretá-lo moralmente - ou seja, avaliar não apenas os atributos físicos de um lugar, mas a qualidade ética e política de seus habitantes. Isso implica uma visão da geografia como prática normativa, em que o saber espacial é inseparável de um juízo de valor. O espaço não é apenas o "onde", mas o "como deve ser".

Já com Ptolomeu, vemos uma tentativa sistemática de matematizar o mundo. Sua obra *Geographia* introduz coordenadas, latitudes e longitudes, buscando construir uma grade geométrica capaz de localizar todos os pontos da superfície terrestre. É um momento decisivo na história da cartografia ocidental: o espaço começa a ser pensado em termos de abstração métrica, de racionalidade geométrica, de ordenamento universal. Mas essa neutralidade aparente é como nos alerta Michel Foucault (2000), uma construção. Todo saber é situado, atravessado por regimes de verdade, e a pretensão de universalidade da grade ptolomaica carrega consigo uma concepção específica de ordem, de centro e

de periferia, de mundo conhecido e mundo a ser dominado.



Figura 3: Representação do mundo segundo Ptolomeu, em edição do séc. xv. Fonte: Wikimedia Commons, domínio público.

A imagem acima ilustra como a concepção espacial ptolomaica mesclava observações empíricas, influências aristotélicas e princípios cosmológicos da Antiguidade, evidenciando a centralidade do Mediterrâneo e a simetria dos continentes.

Essa epistemologia - que oscila entre o rigor técnico e a permanência de símbolos - exige que se pense a geografia antiga não em termos de uma ruptura entre mito e ciência, mas como um campo de convergência. Como afirma Cosgrove (2008), toda representação do mundo é também uma imagem cultural. Os mapas, longe de serem meras ferramentas objetivas, funcionam como narrativas visuais, condensando cosmologias, valores e estruturas de poder. A própria escolha do que mapear (e do que deixar fora do mapa), a centralidade de certas regiões, a forma como as bordas são povoadas por seres monstruosos ou maravilhosos - tudo isso expressa uma visão de mundo.

A racionalidade ptolomaica, com sua malha geométrica, pode ser vista, nesse sentido, como um mito moderno da transparência. Ainda que avance no tratamento matemático do espaço, ela não escapa aos imperativos culturais e políticos de sua época. A geografia antiga, mesmo em sua forma mais técnica, continua sendo um discurso: ela organiza o mundo segundo certos princípios de inteligibilidade, de valor e de destino. O território, aqui, não é

um dado bruto, mas uma construção semiótica.

Essa ambivalência - entre observação empírica e elaboração simbólica - é precisamente o que confere densidade à geografia antiga. Ao mesmo tempo em que lança as bases de uma ciência do espaço, ela mantém viva a imaginação mítica, a moral dos lugares, a ética dos povos. É uma epistemologia complexa, híbrida, que nos obriga a rever a própria ideia de "progresso" no conhecimento geográfico. Afinal, como já indicava a tradição clássica, conhecer o mundo é sempre também interpretá-lo.

O "OUTRO" E O LONGÍNQUO: ALTERIDADE E FRONTEIRA NA GEOGRAFIA ANTIGA

A constituição do espaço na Antiguidade Clássica não se restringe à localização e descrição de territórios, mas envolve, sobretudo, uma construção simbólica e política do mundo. Entre as categorias estruturantes dessa Geografia Cultural encontra-se a figura do "outro" - o estrangeiro, o bárbaro, o habitante das terras distantes - que ocupa um papel central na maneira como o espaço era imaginado e classificado. Tal estrutura de pensamento, como indica Lévi-Strauss (1996), revela uma lógica mítica que organiza a realidade a partir de oposições fundantes, projetando sobre o espaço geográfico as hierarquias culturais do olhar que o observa.

Conforme nos mostra François Hartog (1996), especialmente em sua leitura dos *Histórias* de Heródoto, a alteridade era uma matriz epistemológica da Antiguidade: conhecer o mundo implicava nomear, descrever e, muitas vezes, julgar aqueles que não compartilhavam os valores do mundo helênico. Não se trata apenas de uma geografia do que está "fora", mas de uma geografia relacional, na qual o outro delimita e afirma a identidade do mesmo. Descrever o Egito, os citas ou os persas não era um exercício neutro: era um modo de enunciar os próprios limites da Grécia e de traçar fronteiras simbólicas e morais entre

civilização e barbárie, logos e *hybris*, medida e excesso.

Tzvetan Todorov (1993), ao tratar da conquista da América como um momento fundador da alteridade moderna, oferece uma chave de leitura que pode ser projetada retrospectivamente sobre o mundo antigo. A representação dos povos longínquos, seus hábitos, suas crenças e seus territórios não responde unicamente a um desejo de conhecimento, mas a uma necessidade de ordenação do mundo. O “outro” aparece, frequentemente, como projeção de desejos, medos ou fantasias: ele é, simultaneamente, o monstruoso e o idealizado, o bárbaro e o puro, o caos e a promessa de renovação. As geografias antigas, desse modo, não apenas mapeiam a superfície terrestre - elas narram uma ética da diferença.

Essa ética se inscreve também nas próprias formas cartográficas e narrativas da época. As fronteiras do *oikoumene* - o mundo habitado e conhecido - são cercadas por zonas de indeterminação: desertos, oceanos, montanhas intransponíveis, terras geladas ou queimadas pelo sol. Esses espaços são, ao mesmo tempo, barreiras físicas e metafóricas de alteridade. A terra incognita, para além de sua dimensão cartográfica, torna-se uma ideia-limite: é onde o mundo racional termina e começa o domínio do maravilhoso, do exótico, do não nomeado. John K. Wright (1947) reconhece, nessa tensão, o papel persistente da imaginação geográfica: mesmo diante do progresso técnico do conhecimento, sempre haverá zonas do mundo - e da experiência - que escapam ao domínio da razão e se inscrevem na fantasia.

Na prática, a representação do “outro” e do longínquo cumpre uma função de organização do saber, de fixação de hierarquias e de naturalização de relações de poder. A geografia antiga é, assim, também uma geopolítica das imagens: os mapas e relatos consolidam uma visão de mundo na qual a centralidade da cultura greco-romana se afirma sobre a periferia do diverso. Porém, essa periferia, longe de

ser estática, é espaço de negociação, de fascínio e de reconfiguração constante.

Portanto, pensar a alteridade na geografia da Antiguidade é compreender que o espaço era também um discurso. Um discurso sobre quem pertence, quem ameaça, quem intriga, quem espelha e quem reforça a identidade coletiva. Ao estudar essas formas de representação, abrimos uma via para refletir criticamente sobre os modos como, ainda hoje, se constrói o “outro” em nossas cartografias políticas, culturais e afetivas.

TEMPO, MITO E CIRCULARIDADE: ESPACIALIDADES SIMBÓLICAS NO PENSAMENTO ANTIGO

Se a geografia antiga operava com um senso de espacialidade permeado por cosmologias e alteridades, ela também não se dissociava de concepções profundamente simbólicas do tempo. Na Antiguidade Clássica, tempo e espaço não formavam categorias autônomas; antes, enredavam-se em uma estrutura de sentido que articulava o mundo visível aos planos do divino, do mítico e do eterno. A circularidade - tanto como forma geométrica quanto como lógica narrativa - foi uma das principais expressões dessa cosmovisão.

Em muitos mapas antigos e representações do mundo, como na tradição pitagórica ou nos esquemas de Ptolomeu, o círculo aparecia como metáfora da harmonia universal. O cosmos era um todo ordenado, articulado em esferas concêntricas, regido por proporções e ciclos. Essa forma de pensar a espacialidade fundava-se numa concepção qualitativa do tempo: um tempo que não avança linearmente, mas retorna - como as estações, os astros, os ritos e os mitos.

A mitologia, nesse contexto, é uma ferramenta epistemológica. Detienne e Vernant (1998) mostram que os mitos gregos, longe de serem apenas narrativas fantásticas, articulam uma lógica de conhecimento baseada na analogia, na memória e na exemplificação. O espaço mítico não é fictício: ele é arquetípico. Ulisses, ao viajar

Se o espaço homérico era delimitado pelo mítico e o simbólico, a cartografia medieval islâmica - como na *Tabula Rogeriana* - reapresenta o mundo sob novos referenciais, mas ainda enredado em sentidos filosóficos, astronômicos e imaginativos. A seguir, temos um dos mapas mais sofisticados do período, onde o sul está no topo e a geometria busca o equilíbrio do todo, espelhando uma tradição que herdou - e transformou - a espacialidade antiga.

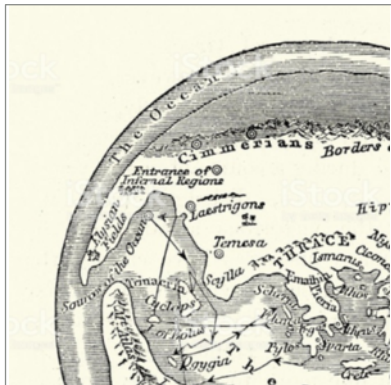


Figura 4 : O Mundo Segundo Homero. Mapa ilustrando as regiões mencionadas nas obras épicas 'Íliada' e 'Odisseia', refletindo a visão geográfica e mitológica do autor sobre o mundo conhecido na Antiguidade. Fonte: *The World According to Homer*.

Figura 5: A *Tabula Rogeriana*, de al-Idrīsī (1154). Mapa-múndi elaborado na Sicília sob encomenda de Rogério ii, com o sul no topo, articulando saberes geográficos árabes, gregos e persas. Representa um mundo equilibrado, orientado por coordenadas astronômicas e filosóficas, herdeiro das espacialidades simbólicas da Antiguidade Clássica. Fonte: *Wikimedia Commons*.

A *Tabula Rogeriana*, ao ser considerada neste ponto do estudo, não representa apenas um marco da cartografia islâmica medieval, mas constitui um elo significativo entre as concepções espaciais da Antiguidade e os novos paradigmas

cosmográficos do período islâmico. Elaborada por al-Idrîsî no séc. xii, sob o patrocínio da corte normanda da Sicília, a obra traduz uma síntese sofisticada de saberes clássicos - herdados de Ptolomeu e da tradição grega - com os aportes astronômicos, matemáticos e culturais islâmicos. A representação do mundo com o sul posicionado no topo e a cuidadosa divisão regional do espaço evidenciam uma racionalidade própria, que, embora distinta da circularidade simbólica grega, ainda preserva uma organização do mundo baseada em harmonia, centralidade e hierarquia. Ao integrá-la ao corpus da análise, compreende-se que o pensamento geográfico da Antiguidade não desaparece com a transição para a Idade Média: ele é reelaborado, ressignificado e continua operando como matriz de sentido na construção das espacialidades do mundo conhecido. Assim, a *Tabula Rogeriana* é aqui mobilizada não como um mero documento histórico, mas como evidência cartográfica de uma continuidade epistemológica que tensiona, transforma e prolonga os modos antigos de pensar a relação entre tempo, espaço e conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia na Antiguidade Clássica foi menos um saber sistemático do que uma tessitura de olhares, símbolos e narrativas sobre o mundo. Muito além de delimitar distâncias ou descrever territórios, ela ofereceu modos de imaginar e interpretar a existência - através dos mapas, dos relatos míticos, das etnografias poéticas e dos princípios filosóficos que costuravam o espaço ao tempo, o real ao fantástico.

Nesse contexto, o espaço não se mostra como algo neutro ou inerte. Ele é constantemente moldado pela linguagem, pela memória, pela alteridade e pelos desejos de ordem e sentido. A terra incognita, mais do que um ponto cego nos mapas, é uma metáfora persistente para o que escapa à racionalidade e insiste em retornar sob forma de mito, de imaginação ou de pergunta. Pensar a geografia antiga é revistar essas camadas fundantes da relação entre humanidade e mundo - e reconhecer,

talvez, que seguimos habitando representações.

ABSTRACT

This article explores the poetics and interfaces of Geography in Classical Antiquity, understanding the production of geographical knowledge as a field interwoven with myths, cosmologies, philosophical thought, and sociocultural practices. Through the analysis of authors such as Hecataeus of Miletus, Herodotus, Strabo, and Ptolemy, and in dialogue with contemporary theoretical perspectives, it seeks to understand how space was represented, narrated, and imagined in ancient Greece and Rome. The epistemological, symbolic, and aesthetic implications of these geographies are discussed, with an emphasis on mythical cartographies, the construction of the other, and ethical-political cosmologies. Drawing on authors such as Denis Cosgrove (2008), John Brian Harley (2002), François Hartog (1996), Tzvetan Todorov (1993), Marcel Detienne and Jean-Pierre Vernant (1998), Michel Foucault (2000), and John K. Wright (1947), the article proposes a reflection on the role of geographical imagination in the construction of possible worlds.

KEYWORDS

Ancient Geography; Spatial Imaginary; Cosmology; Representation; Territory.

REFERÊNCIAS

COSGROVE, Denis. **Geografias imaginárias: geografias e cosmologias no mundo ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

DETIENNE, Marcel; vernant, Jean-Pierre. **A invenção da mitologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

HARLEY, John Brian. **A nova natureza dos mapas**. São Paulo: Edusp, 2002.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: ufmg, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MUSEU DE TOPOGRAFIA DA UFRGS. Disponível em: <http://museudetopografia.ufrgs.br/museudetopografia/index.php/mapas/290-mapa-de-hecateu-de-mileto>. Acesso em: 04 abr. 2025.

PTOLOMEU, Cláudio. **Geografia**. Tradução e organização de Duane W. Roller. Nova York: Princeton University Press, 1991.

STRABO. **Geography**. Tradução de Horace Leonard Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1917.

THE world ACCORDING TO HOMER. Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/fr/vectoriel/carte-du-monde-antique-selon-homer-gm496430518-78546911>>. Acesso em: 19 dez. 2025.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TODOROV, Tzvetan. **Simbolismo e interpretação**. Tradução de Ana Maria F.N. Olival. São Paulo: Edunesp, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. São Paulo: Difel, 2002.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.

Notas

1 *Her., Hist.*, II, 33-35. Heródoto descreve os costumes dos egípcios e persas com base em relatos locais, o que revela sua posição como mediador simbólico entre mundos culturais distintos.

2 *Estr., Geo.*, II, 2.5-6. O autor argumenta que o clima e o relevo influenciam diretamente os costumes e formas políticas dos povos, articulando espaço e civilização em uma lógica normativa.